A FACE OCULTA DA MATERNIDADE: A DEPRESSÃO PÓS-PARTO E SEUS REFLEXOS NO VÍNCULO MATERNO-INFANTIL.

COSTA; M. L. F. Q.[1], PEREIRA; A. C. C.[2]

[1]Centro Universitário Católica do Rio Grande do Norte, Mossoró, Brasil

(marialeticia.fqc@gmail.com)

[2]Professora do Centro Universitário Católica do Rio Grande do Norte, Mossoró, Brasil

(amanda.pereira@professor.catolicadorn.com.br)

Resumo: A depressão pós-parto (DPP) é um transtorno psicológico que afeta o bem-estar materno, o vínculo mãe-bebê e o desenvolvimento infantil. Este estudo discute os impactos da DPP nesses aspectos e destaca a importância do diagnóstico precoce e do acompanhamento especializado.

Palavras-chave: Depressão pós-parto; vínculo mãe-bebê; desenvolvimento infantil; saúde mental.

INTRODUÇÃO

A depressão pós-parto (DPP) manifesta-se por sentimentos intensos de tristeza, ansiedade e inadequação materna no período após o nascimento do bebê. Apesar de sua gravidade, ainda é pouco reconhecida, devido à idealização cultural da maternidade. Esse cenário dificulta o acolhimento do sofrimento psíquico da mãe, gerando silêncio e culpa. Compreender a DPP é fundamental para promover a saúde mental materna e preservar o vínculo com o bebê.

A maternidade é idealizada socialmente, o que faz com que sentimentos negativos da mãe em relação ao bebê sejam vistos como inaceitáveis. Existe um tabu cultural em relação à gestação e à depressão, como se a mulher devesse estar radiante pelo nascimento do filho e fosse culpada por uma espécie de "ingratidão", já que "tem tudo e, mesmo assim, sofre". Nessa perspectiva, o sofrimento materno seria interpretado como incapacidade de valorizar o "milagre da maternidade". O senso comum tende a ocultar a verdadeira natureza da experiência de tornar-se mãe (IACONELLI, 2005).

A depressão pós-parto pode levar à privação materna, ainda que sem a intenção consciente da mãe de prejudicar o bebê. Dentre as consequências observadas na criança estão distúrbios de apego, alterações no desenvolvimento mental e motor, déficit de atenção, sintomas internalizantes e transtornos depressivos. Estudos apontam, inclusive, associação entre níveis elevados de cortisol e histórico de pressão materna nos primeiros anos de vida (MOTTA, 2005).

De acordo com Carlesso (2011), mães com depressão pós-parto frequentemente apresentam dificuldades na interpretação dos sinais comunicativos do bebê. Em consequência, tornam-se menos responsivas, o que

compromete a comunicação afetiva entre ambos. Essa falta de responsividade pode afetar diretamente o bem-estar da criança, visto que sinais básicos como fome, dor ou sono podem ser ignorados ou mal interpretados.

A depressão pós-puerperal se manifesta por sintomas como irritabilidade, mudanças bruscas de humor, indisposição, doenças psicossomáticas, tristeza profunda, desinteresse pelas atividades cotidianas, sensação de incapacidade para cuidar do bebê, até pensamentos suicidas ou homicidas. O diagnóstico precoce é essencial, sendo necessário acompanhamento ao longo de todo o ciclo gravídico-puerperal. Essa é a forma mais eficaz de prevenir, atenuar ou reduzir a duração da depressão pós-parto (IACONELLI, 2005).

O transtorno depressivo pós-parto é um quadro clínico severo e agudo que exige acompanhamento psicológico e psiquiátrico. Devido à gravidade dos sintomas, muitas vezes é necessário o uso de medicação. Todo o período gravídico-puerperal é considerado de risco para o psiquismo feminino, em razão da intensidade da experiência vivida. Esse processo pode incidir tanto sobre estruturas psíquicas fragilizadas quanto sobre mulheres com boa organização psíquica, especialmente diante da ausência de uma rede de apoio (IACONELLI, 2005).

Dessa forma, este artigo tem como objetivo abordar as consequências da depressão pós-parto na relação entre mãe e bebê, refletir sobre os impactos no desenvolvimento infantil nesse contexto, destacar a sintomatologia do quadro e enfatizar a importância do diagnóstico e tratamento adequado da doença.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, conduzida sob os preceitos da pesquisa integrativa, com o intuito de reunir e analisar, de maneira sistemática, evidências disponíveis na literatura científica que respondam à questão central da investigação (SOUZA, SILVA E CARVALHO, 2010): quais são os impactos da depressão pós-parto na relação entre mãe e bebê? A seleção dos estudos foi realizada de forma estruturada, com base em buscas nas plataformas Google Acadêmico, SciELO, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Periódicos CAPES, abrangendo o período de 2000 a 2025.

Para a estratégia de busca, foram utilizados descritores extraídos do DeCS, como “depressão pós-parto”, “saúde mental”, “desenvolvimento infantil”, além da palavra-chave “vínculo mãe e bebê”. A combinação dos termos foi feita com o operador booleano AND, a fim de garantir a recuperação de estudos que abordassem simultaneamente os temas centrais. Foram inicialmente identificadas cerca de 400 publicações. A seleção dos materiais considerou critérios de inclusão como: idioma (português e inglês), disponibilidade do texto completo e presença dos descritores no título. Os critérios de exclusão contemplaram publicações em espanhol, estudos voltados exclusivamente à depressão paterna e trabalhos sem respaldo acadêmico.

Após a triagem e análise preliminar, compuseram a amostra final 30 artigos que apresentavam qualidade metodológica e pertinência temática. A adoção dessa metodologia busca assegurar uma análise fundamentada, sensível ao contexto materno-infantil, e comprometida com a compreensão aprofundada das implicações da depressão pós-parto na construção do vínculo entre mãe e filho.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tabela 1- Síntese das informações dos artigos encontrados.

Autores	Objetivos	Resultados
ALVARENGA et al. (2018)	Investigar o impacto da depressão pós-	A dpp materna influencia negativamente

– Impacto da saúde mental materna na interação mãe-bebê e seus efeitos sobre o desenvolvimento infantil.	parto e da ansiedade na interação mãe-bebê e seus efeitos no desenvolvimento aos três meses de vida.	os comportamentos afetivos, como sorrir para o bebê e tocar com afeto, o que pode prejudicar o vínculo afetivo e a interação mãe-bebê desde os primeiros meses.
ARRAIS et al., 2018 – *Fatores de risco e proteção associados à depressão pós-parto no pré-natal psicológico.*	Apresentar e discutir fatores de risco e proteção e a implementação de intervenções de prevenção primária, denominada de Pré-Natal Psicológico (PNP).	Detectar precocemente os sintomas e fatores de risco/proteção da permite oferecer melhor assistência à puérpera.
DEZIDERIO et al., 2013 – *As influências da depressão pós-parto na relação mãe-bebê.*	Investigar os impactos da depressão pós-parto na interação mãe/ bebê.	Os sintomas da depressão materna podem ser sutis, mas ainda assim impactam significativamente a díade mãe-bebê e o desenvolvimento da criança, que percebe pequenas falhas na responsividade materna.
FERNANDES et al., 2013 – *Depressão pós-parto e suas implicações no desenvolvimento infantil.*	Apresentar como a depressão pós-parto pode afetar as interações iniciais entre mãe e filho e quais suas implicações no desenvolvimento infantil.	Podemos inferir que a depressão pós-parto traz consequências para o desenvolvimento infantil, alterando a relação mãe-bebê que, por sua vez, afetará diretamente o desenvolvimento da criança.
SILVA, C. dos S. et al. *Impacto da DPP na interação mãe e filho na perspectiva materna.*	Compreender como a depressão pós-parto pode impactar na interação mãe e filho.	Alguns achados mostram que as mães deprimidas gastam menos tempo olhando, brincando e conversando com seus filhos.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A depressão pós-parto (DPP) é reconhecida como um transtorno mental prevalente no período puerperal, afetando de maneira significativa a saúde da mulher, a relação mãe-bebê e o desenvolvimento da criança. Conforme evidenciado na literatura analisada, os impactos da DPP excedem o sofrimento individual da mãe, repercutindo diretamente na qualidade da interação afetiva com o bebê (ALVARENGA et al.,

2018; DEZIDERIO et al., 2013; FERNANDES et al., 2013).

No contexto sociocultural, a maternidade é idealizada como um momento de plena realização feminina, o que contribui para o silenciamento do sofrimento psíquico vivido por muitas mulheres nesse período. Essa construção social impõe à mulher a expectativa de felicidade incondicional e de competência natural para os cuidados maternos, levando, muitas vezes, à negação ou minimização dos sintomas depressivos. Além disso, a ausência de rede de apoio emocional — seja por parte do companheiro, da família ou de serviços de saúde — agrava o quadro e favorece o isolamento da puérpera.

As mães afetadas pelo quadro depressivo pós-parto frequentemente apresentam menor responsividade aos sinais comunicativos do bebê, como expressões faciais, choros ou gestos, o que compromete a construção do vínculo afetivo seguro. Como apontam Carlesso (2011) e Silva et al. (2024), essa dificuldade de leitura e resposta às demandas da criança pode levar à negligência involuntária de suas necessidades básicas, afetando o desenvolvimento emocional e social da criança.

O comprometimento do vínculo mãe-bebê pode resultar em desdobramentos importantes para a criança, como atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, dificuldades na aprendizagem, distúrbios do apego, transtornos intrapsíquicos (como ansiedade e depressão infantil) e até alterações hormonais, como níveis elevados de cortisol, associados ao estresse precoce (MOTTA et al., 2005). Estudos demonstram que os filhos de mães deprimidas tendem a apresentar comportamentos de evitação, irritabilidade, apatia e dificuldades de socialização, o que pode perpetuar um ciclo de sofrimento na díade (FERNANDES et al., 2013).

No que tange aos sintomas, a DPP pode se manifestar por exaustão extrema, irritabilidade, tristeza persistente, sentimento de culpa, distúrbios do sono e do apetite, perda de interesse nas atividades diárias e dificuldades na conexão emocional com o bebê. Em casos mais severos, podem surgir pensamentos suicidas ou até ideias de agressão ao próprio filho (IACONELLI, 2005).

Outro aspecto relevante refere-se à influência da depressão pós-parto sobre o aleitamento materno. Estudos como o de Lino et al. (2020) indicam que a amamentação não apenas favorece o vínculo mãe-bebê, como também promove benefícios neuroquímicos à mulher, como a liberação de ocitocina, que atua na redução do estresse e da sintomatologia depressiva. Assim, dificuldades nesse processo — muitas vezes agravadas pela depressão — podem comprometer tanto a nutrição do bebê quanto o fortalecimento da relação afetiva.

A identificação precoce da depressão puerperal, bem como a oferta de cuidados psicossociais e psiquiátricos adequados, são fundamentais para mitigar os efeitos negativos dessa condição. Estratégias como o Pré-Natal Psicológico (ARRAIS et al., 2018) e o acompanhamento contínuo ao longo do ciclo gravídico-puerperal têm se mostrado eficazes na prevenção e no enfrentamento da depressão materna pós-parto, contribuindo para uma maternidade mais saudável e humanizada.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a depressão pós-parto é uma condição psíquica que merece maior reconhecimento e atenção, devido aos impactos profundos que exerce tanto sobre as mulheres quanto sobre seus filhos, comprometendo o bem-estar da díade materno-infantil. O estudo evidenciou que o quadro depressivo materno pode acarretar dificuldades na construção do vínculo afetivo entre mãe e bebê, uma

vez que interfere na capacidade materna de estabelecer uma interação sensível, responsiva e sintonizada com as necessidades emocionais da criança. Entre os sintomas mais comuns estão tristeza persistente, irritabilidade, exaustão, sentimento de culpa e incapacidade, distúrbios do sono e do apetite.

Tais manifestações podem provocar o enfraquecimento do cuidado materno e prejudicar o desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança. Diante disso, reforça-se a importância da detecção precoce da sintomatologia depressiva, bem como da implementação de estratégias de acolhimento e acompanhamento multiprofissional.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, P. et al. Impacto da saúde mental materna na interação mãe-bebê e seus efeitos sobre o desenvolvimento infantil. Psico, v. 49, n. 3, p. 317-327, 2018.

ARRAIS, A. da R.; ARAUJO, T. C. C. F. de; SCHIAVO, R. de A. F. Fatores de risco e proteção associados à depressão pós-parto no pré-natal psicológico. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 38, n. 4, p. 711–729, 2018.

CARLESSO, J. P. P. Análise da relação entre depressão materna e índices de risco ao desenvolvimento infantil. 2011. 161 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

DEZIDERIO, D.; MILANI, R. G. As influências da depressão pós-parto na relação mãe-bebê. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA CESUMAR, 8., 2013, Maringá. Anais [...]. Maringá: Cesumar, 2013. p. 10-14.

FERNANDES, F. C.; COTRIN, J. T. D. Depressão pós-parto e suas implicações no desenvolvimento infantil. Revista Panorâmica Online, v. 14, p. 15–347, 2013.

IACONELLI, V. Depressão pós-parto, psicose pós-parto e tristeza materna. Revista Pediatria Moderna, v. 41, n. 4, p. 32-38, jul./ago. 2005.

LINO, C. M. et al. O impacto da depressão pós-parto no aleitamento materno e no desenvolvimento infantil: uma revisão integrativa. Nursing (Edição Brasileira), v. 23, n. 260, p. 3507–3511, jan. 2020.

MATOS, S. de et al. The influence of perception of care and maternal protection on breastfeeding practices on the infants' third month of life. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, v. 23, p. e20200278, 2023.

MOTTA, M. da G.; LUCION, A. B.; MANFRO, G. G. Efeitos da depressão materna no desenvolvimento neurobiológico e psicológico da criança. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, v. 27, n. 2, p. 165–176, maio 2005.

MOTTA, M. da G. Detecção de alterações neuroendócrinas e comportamentais em bebês de mães com depressão pós-parto. 2005. 85 f. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SILVA, C. dos S. et al. Compreensão do impacto da depressão pós-parto na interação mãe e filho na perspectiva materna. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 24, n. 11, p. e15993, 2024.

SOUZA, M. T., SILVA, M. D., & CARVALHO, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. Einstein (São Paulo), 8(1), 102–106.

SOUZA, N. K. P. de; MAGALHÃES, E. Q.; RODRIGUES JUNIOR, O. M. The prevalence of postpartum depression and its consequences in women in Brazil. Research, Society and Development, v. 10, n. 15, p. e597101523272, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i15.23272.